



Um trecho do Claustro do Mosteiro de Santo Thyrso

(Cliché de Marques Abreu).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Francisco de Souza Gomes Velloso

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDICÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfime massa

Fundada em 1874



Pecam
o nosso
catálogo
illustrado
com 143
gravuras,
que se
envia
gratis.

— **PORTO** —

Rua do Bomjardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 59 a 63 —



Aos nossos
trabalhos
foram
concedidos
os mais
altos pre-
mios nas
**Exposi-
ções In-
dustriaes**
**Portugue-
zas de 1887**
e 1897.

— **GUARDA** —

Representante
depositario
CASA SUCENA
Rua Heliodoro Salgado



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiças, jarras, ramos, custodias, relicarios, calices, pyxides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carrilhões de campainhas, thuribulos e navetas, cruces processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestos do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas con-
generos no extrangeiro, e a que mais egrejas fornece no Conti-
nente, Ilhas, Brazil, etc . . .**



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario. Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 8 de julho de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 158—Anno IV



Visconde de Caçongo

Importante capitalista do Funchal (Madeira)

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Ao sol

Ailharga da Serra do Crasto, ergue-se altivo, da massa escura dos pinheiros, o dorso escarvado e pedregoso do monte do Santinho, dominando a estreita varzea de Sub-Portella e recortando o fundo negro d'esse enternecido quadro virgiliano. Cortado de ravinas, cruzado de carreiros, os seus correços borbulhando, espumando, de fragão em fragão, este monte lendario, nasce no mais recondito da tornada e vae por entre o arvoredado, ingreme e sombrio, até romper a negra facha dos pinheiros e surgir cimeiro e pittoresco a olhar a planicie.

O povo cerca-o de lendas e historias, d'aventuras tragicas de cavalleiros sinistros, de cavernas sombrias, ultimo coito de foragida moirama, que para alli fôra acossada e batida pelas mesnadas heroicas de certo senhorio christão. Dizem soterrado, no mais intimo e recondito das suas cavernas, o velho e magnifico palacio d'um rico moiro, moradia sumptuosa com pateos areados de mosaico, galerias lavradas, tanques de marmore rosa, onde arrulhavam pombas, casarões sombrios rendilhados d'arabescos e vestidos de tapeçarias, onde habita ainda hoje, com seu mau fado e seu encanto fatal, uma linda e garrula mulher, de cabellos d'ouro e olhos azues, que a loucura d'um amor cruelmente condemnou. Rara lareira deixou d'escutar até hoje nas seroadas d'inverno, das quatro ou cinco aldeias de redor, esta sombria historia d'encanto e muitos são os lavradores que affirmam, terem visto em noite de S. João a linda moira, errando pelo monte em soluços e ais. Quer o povo, na sua ingenua, boa superstição, ligar estes apagados restos fugidios do paganismo ido com a enternecida lenda christã do Santo do Monte, que em certa noite luarenta de julho lhe deu o nome e a tradição. Mas a credence popular pretende obstinadamente, que se o santo abandonou a serra foi para fugir da visinhança hostil de mouros e moiras, de feitiçarias e conluios. Certo é que n'aquelle monte errou entregue á meditação e á resa, S. Silvestre do Monte, que hoje vive venerado e querido na sua ermida d'álm rio. N'um fim de tarde de verão, descançava o santo dos fazeres piedosos d'aquelle dia, sentado n'uma pedra, quando avistou a meia encosta, um pobre lavrador, que offegante, oppresso, procurava ganhar, não sem visivel receio, a estreita chã. Vem, vem, disse-lhe o Santo convidativo e o bom do velho acercou-se confiado. «É que . . . sim, . . . Toda a aldeia sabe o que vos deve e . . . quer recompensar os vossos milagres. Desde vossa presença n'esta serra, não mais houve mal ruim nos rebanhos, nem feitiços nas moças, nem phantasmas pelas noites; as poças não seccaram no verão, e a colheita tem sido farta. Queremos erguer-vos uma ermida, aqui n'esta serra, onde sempre vos tenhamos—amparo nosso,—perto de nós, como patrono de nossas fazendas e de nossos gados.»

E o Santo enternecido tomou de seu bordão, que era d'oliveira e disse: «Vou atirar com este pau e onde elle cahir florirá uma oliveira; á sua sombra me levantareis a ermida» e sem mais dizer jogou o pau, que foi direito pelo ar cahir do outro lado do rio, n'um pincarado escarvado de monte. Tempos depois, junto á oliveira que fructificou e deu sombra, erguia-se a ermida, onde ainda hoje habita S. Silvestre, o milagreiro patrono dos lavradores e dos gados. E nunca mais deixaram as boas gentes de Sub-Portella e Deuchriste de subirem todos os annos ao monte longinquo com seus gados enfeitados, e suas promessas ingenuas,

A devoção estendeu-se a cem leguas em redor e a romaria de S. Silvestre é hoje das mais concorridas do Minho. O povo é sempre generoso e bom. Não sabe esquecer. Vive d'estas suavissimas tradições, elle que na tradição soube firmar o traço mais indelevel do seu character: a lealdade. Generoso, franco, entrega-se nas mãos da lenda como se entrega nas mãos do destino, ás cegas, ingenuamente, simplesmente. A's vezes tornam-o mau, abusam da sua confiança, tripudiam com a sua cegueira e fazem d'essas creaturas humildes e soffredoras, pequenas feras, ou gigantescos heroes. Mas se elle re-considera, se vê, se comprehende o erro volta-se para si proprio e logo regressa á belleza primitiva da sua ingenuidade, que se emballa nas lendas e revive nas tradições.

É que não sabe esquecer. Feliz? Desgraçado? Bom.

Amphora partida

A JOSÉ DE FARIA MACHADO.

POR F. D'ALMEIRIM.

Não sei se vocês teem notado:

Maria Clara, já não é a mesma de ha dois annos. Quem não conheceu Maria Clara, aquella rapariga alta, robusta, os olhos pretos, genio alado de graça, corpo talhado n'uma milagrosa esbeltez de jarra hellenica, e uma bocca deliciosa d'onde escoavam cantando em murmurio phrases d'espirito, commentarios facêtos, e n'umas palavras de bondade que nos deixavam, a nós seus condiscipulos na Universidade, perturbados e recolhidos—como se todo o mysterioso arôma da sua alma femenina nos prendesse com fortissimas cadeias a repentina inconstancia e a farta irreverencia de estudantes bohemios...

Ainda hontem á noite, revolvendo papeladas, encontrei, marcada com a sua larga calligraphia d'educanda do *Sacré Cœur* que sempre manteve, ainda mesmo nos seus apontamentos ás prelecções dos lentes e nos seus enlevantes cadernos litterarios—recordam-se do soneto d'ella; *Martyr!* uma voz a refluir nos recessos do seu destinos?—encontrei, digo, uma carta d'ella, aquella carta tão repassada de saudade em que, dirigida a mim, o mais velho dos seus condiscipulos de medicina, se despedia a meio do curso, abraçando muito, muito, repetia, a todos nós, amigos d'ella!

Puz-me a repintar na memoria os quadros da nossa vida academica, que foi como o ambiente dos seus triumphos, Coisa curiosa! No nosso tempo andavam alistadas nos cursos universitarios, além da Maria Clara, trez raparigas: a Julia, a Maria de Vasconcellos e a Beatriz. Pois todas encontraram noivos na academia. Só Maria Clara se soube quedar solteira, rodeada do respeito casto de todos, e da admiração profunda dos seus companheiros. Entrou um dia, pela Porta Ferrea. Todos a olhamos delicadamente. Dentro em pouco vinha fallar-nos, como se nos conhecesse de ha muito tempo, perguntava os nossos nomes, inquiria das nossas disposições. E d'alli por deante todos nos davamos bem, tão bem com ella, que um dia, o Macedo de Chaves, infatigavel noctivago esturdio, disse-me em confidencia que iria portar-se correcto d'ahi por deante porque Maria Clara era 'o anjo tutelar do curso'. O Macedo!... Para o Macedo fallar assim, quanta não era a religiosa pureza de Maria Clara, a nossa fada branca...

*

Lembra-me ella agora uma figura de quadros outomnaes, vivendo concentrada o silencio das folhas que agonisam, ao longo dos poentes em rubor e oiro... quando de tarde a vejo passar devagarinho á borda do caes e ir como deslisante mancha alvinitente até á barra, acompanhando a luz que vae deixando de scintillar no rio volvido dentro em pouco ao marulho da noite...

Fez-me impressão esta subita mudança, tanto me acostumara ás suas saudações constantes e alegres que por vezes uma graça mordida finamente, como deveriam morder os dentes d'ella, quando terminado o jantar, depois de ouvir a farta onda dos doentes—a sua fama de medica distinctissima bem sabem vocês que domina a cidade—sahia a espaiar-se.

E tanto me impressionou, que lhe fui no encalço.

—Maria Clara...

—Boa tarde... murmurou ella apenas, sorrindo a pallida sombra dos seus sorrisos d'outros tempos!

E tanto o seu recato me penetrou, que a seu lado me abandonei em silencio como se tambem, tambem dentro de mim fosse cahindo a dôr calma que resumbrava dos seus olhos côr do mar, e a mesma tristeza echoasse dentro de mim um surdo soluço amarelento...

Não: Maria Clara já não é a mesma de ha dois annos!...

*

No dia seguinte, a teia do segredo de Maria Clara enleara todo o meu espirito. A caminho do hospital, no electrico, a preocupação inquietante de o desvendar como que fincara em mim duas garras possantes.

Creio que vi ligeiro de mais os meus doentes. Eram dois, e logo vizinhos dos de Maria Clara. Ao sahir, chamou porém, minha attenção um leito devoluto, o n.º 6, o segundo a contar da porta da enfermaria.

—Morreu? perguntei.

—Conforme... respondeu com estúpidos ares de subtileza intelligente uma enfermeira, atida a namorios successivos e cada vez mais problematicos...

—Era um rapaz loiro, não era?

—Era loiro, era. É bonito, snr. dr.! É bonito!

—Mas... quando morreu?...

Esse rapaz não estava curado ha 8 dias?

—Estava, sim senhor...

—Então?... A snr.^a D. Maria Clara não sabe?

—Deve saber, deve saber... Suicidou-se horas depois de curado, vê o senhor p'ra que a gente tem canseiras?

A nova sobresaltou-me. Sahi. Maria Clara andava triste...

Mas ao transpôr a porta principal, o José, o porteiro, aquelle homenzarrão membrudo que Maria Clara salvou e de cuja miseria compadecida, alli collocou ao ganhapão, veio ter commigo, todo discreto:

Snr. dr., a snr.^a D. Maria Clara ainda está triste?... Já ha cinco dias que não vem ao hospital...

—Triste? Que estás tu a dizer, ó José?

—Desculpe... Mas aquella do rapaz matar-se logo depois de curado não foi boa acção. Sabe que era estudante... Bom rapaz, não ha duvida... O jogo é o demonio, snr. dr. ... o jogo e o restol! É a snr.^a D. Maria tinha então cuidados especiaes com elle; quando esteve peor, ella ficou aqui noite fóra... Só eu a vi, que essa cambada nem trata senão de dormir. É a senhora chorava, sabe?... Depois, entrou de lhe fallar de mansinho: que arrumasse com aquella vida, e olhe que o ensinou a rezar... O snr. Jorge até parecia outro... beijava-lhe a mão, promettia, promettia muito, e a snr.^a vinha cá para fóra toda contente, qu'era gosto vê-la... E vae o démo no dia seguinte ao da sahida, zás! pregou um tiro nos miolos alli no jardim... Pois, snr. dr., aquillo não se fazia que a snr.^a... Matar, só Deus, quando chegou o nosso fim.

José hesitava.

—Diz depressa! atalhei eu.

—... Olhe, snr. dr., quer vêr um bilhete d'elle que eu topei ao desfazer-lhe a cama, sob o travesseiro?...

—Não!... comprehendil...

De um salto galguei a escadaria e alcancei o electrico. As ultimas palavras do porteiro recebi-as já em marcha. Eu devêra apresentar o rosto alterado quando elle me fallava pois que seus olhos me fitavam attonitos. Todo o segredo de Maria Clara se entreabria já para o meu espirito com a força incoercivel dos presentimentos prestes a realizar-se, que nos atabafam os respiros e como prohibem aos labios que o gremem...

A grandeza d'uma dôr que se calla, o desfibramento das raizes da alma, que se revela na diluição dos olhares vagueantes e no silencio dos ermos em que o coração vae fenecendo, tudo, tudo se ia reatando e compondo dentro do meu cerebro... Ah, que tortura!

Ao chegar defronte da casa de Maria Clara, todo o meu pensamento foi surgir bruscamente deante d'ella, denunciar-lhe a revelação da sua magua profundissima e consolal'a depois, como qualquer de nós, os seus velhos amigos não é verdade?—a consolatoria... Esta impulsão me levou rápido ao seu gabinete de trabalho.

Não estava! Relanceei os olhos por todo aquele pequeno quarto, cheio de elegancia e de conforto onde um leve perfume adejava, como a entristecê-lo mais...

Não estava! E todavia em mim recrescia a imperiosa força de desafogar a minha anciedade no seu peito, que um frescor de alegria banhara n'outro tempo, mezes antes. Queria-a alli para que mais depressa me ouvisse e eu logo lhe affirmasse que lhe seguiria os passos do soffrimento.

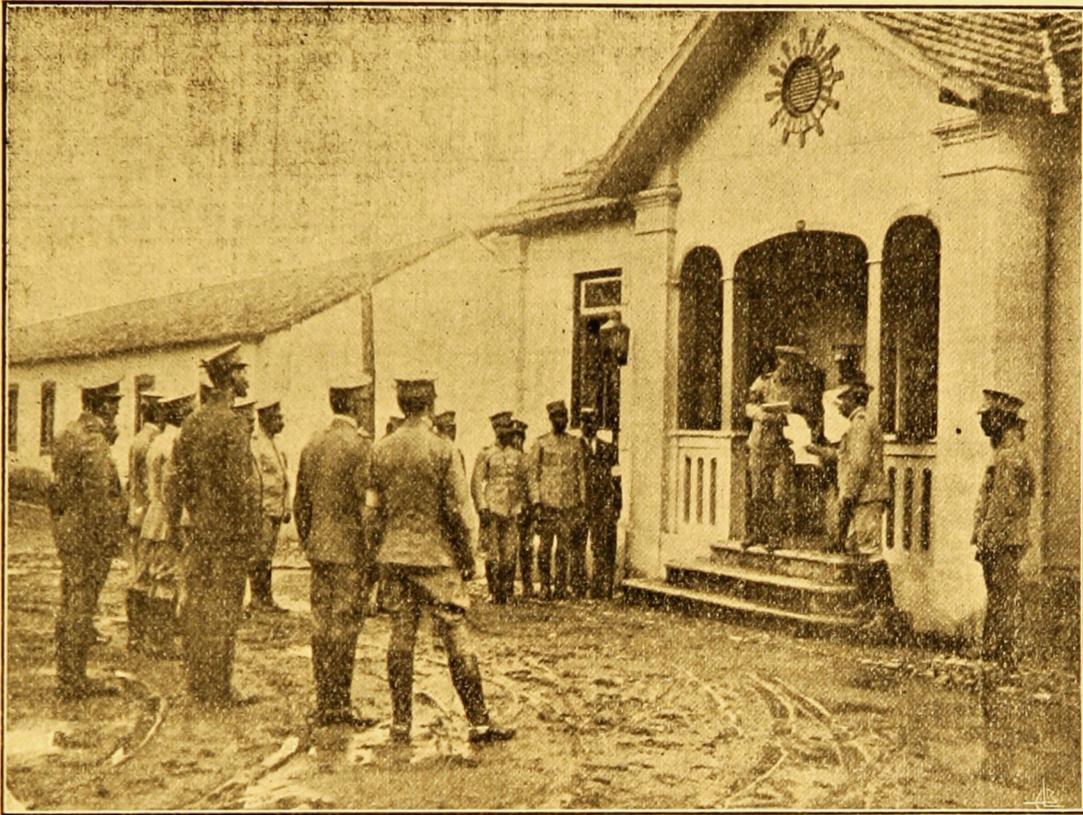
Emquanto era contrabatido por estes pensamentos, passei os olhos por sobre a sua meza de trabalho. E de subito, eu li n'uma folha de papel abandonada,—a lettra hesitante, como se a sua ao mão traça-la obedecesse aos soluços da sua alma,—estas palavras:

«Porque era aquella a amphora sagrada e crystallina por onde eu ia saciar a febre d'esta sêde infinita de viver o meu sonho...

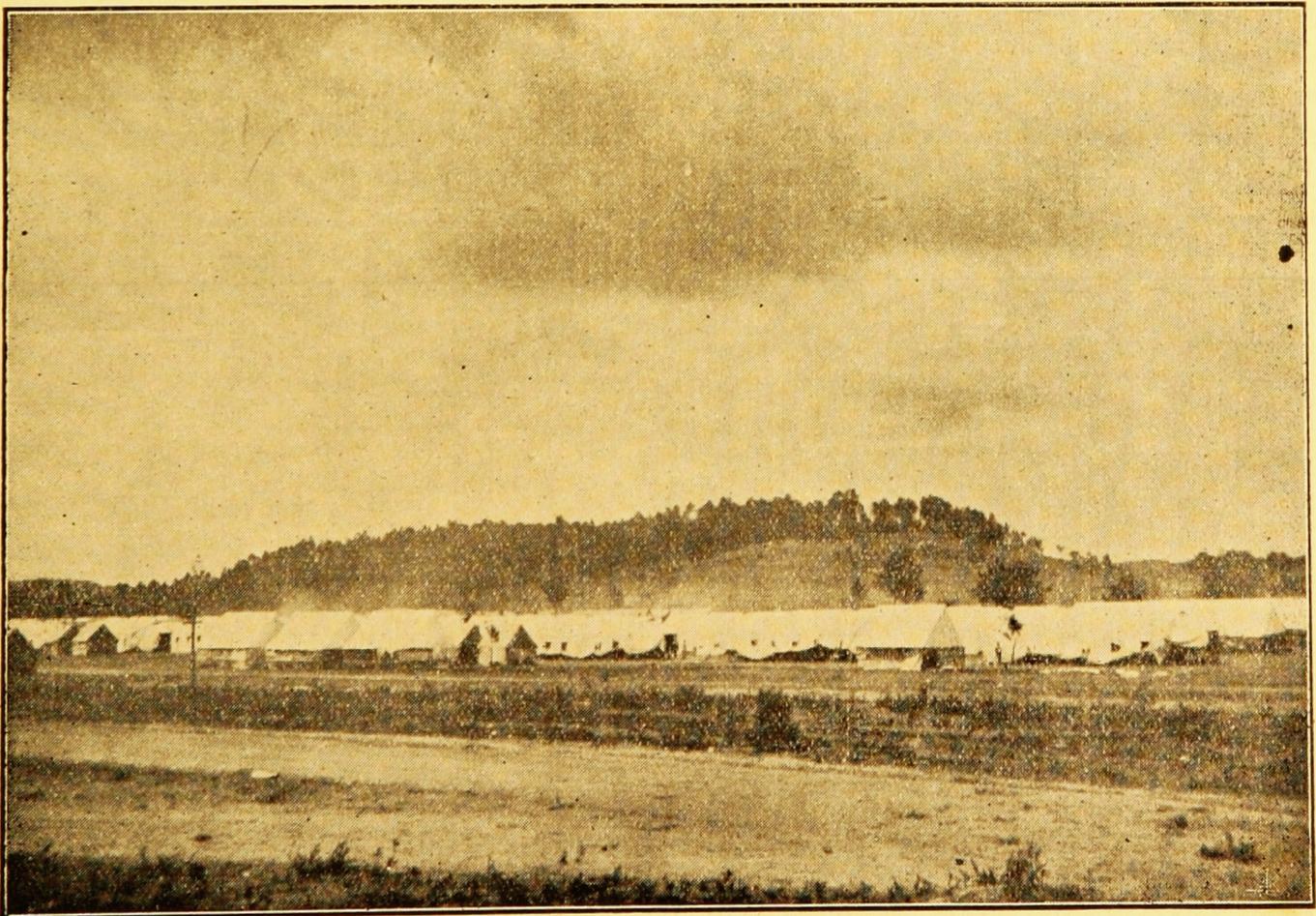
E a caminho dos meus labios entreabertos em hausto, sobre o concavo regaço das minhas mãos trementes,—se partiul»



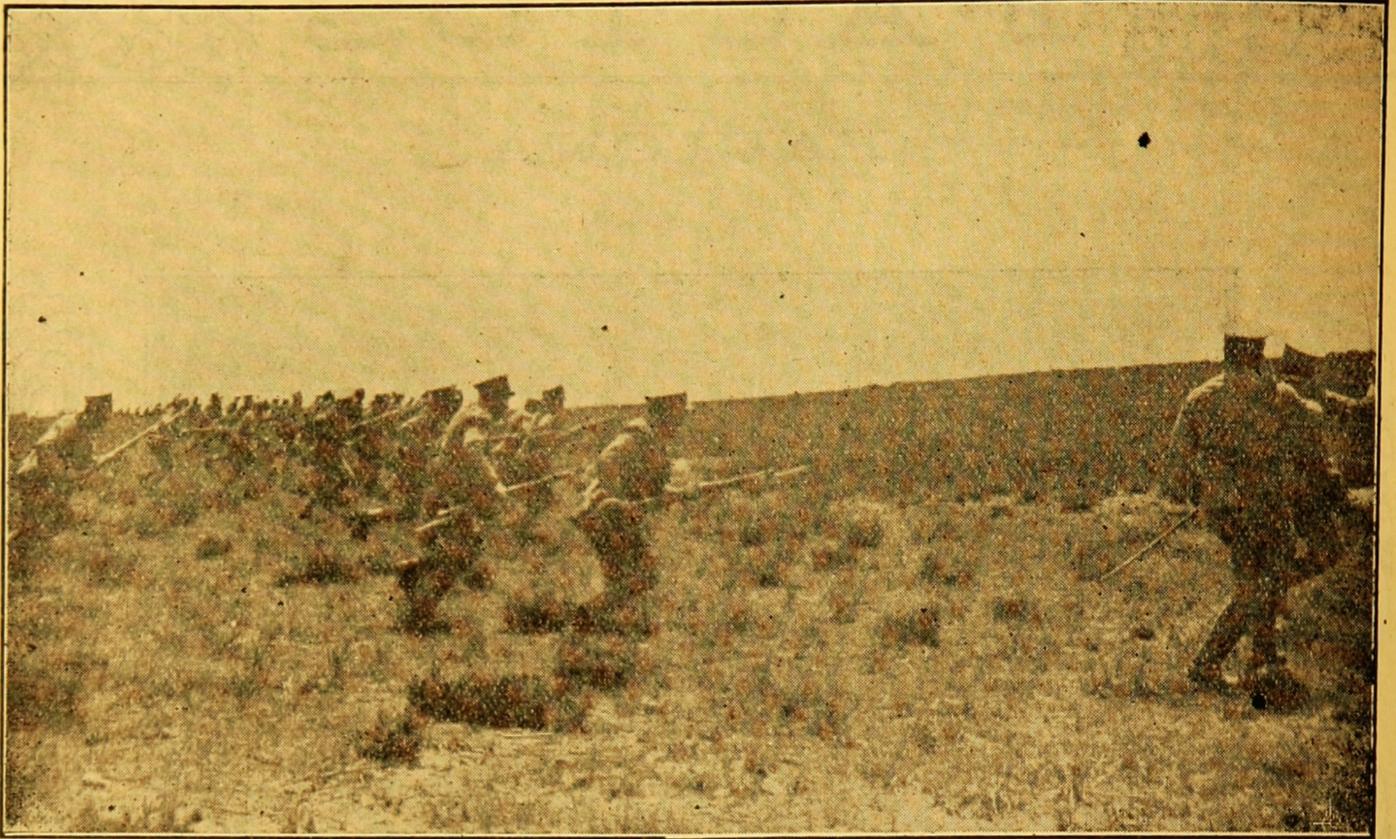
PAULONA



Em Tancos—A officialidade recebendo a ordem do general commandante no quartel general



Em Tancos—Um aspecto do acampamento



Exercicios em Tancos—Uma carga á bayoneta]

E' hoje uma das mais populosas cidades portuguezas; tem tantos habitantes como Braga, mas, coisa curiosa, são todos homens, são todos militares! "Paulona,, é o nome de guerra da pequena Tancos, cujo polygono e adjacente planalto é hoje o campo de concentração militar, interessante organização guerreira d'onde saem soldados experimentados os que, pouco antes, entraram lá bisonhos recrutas.

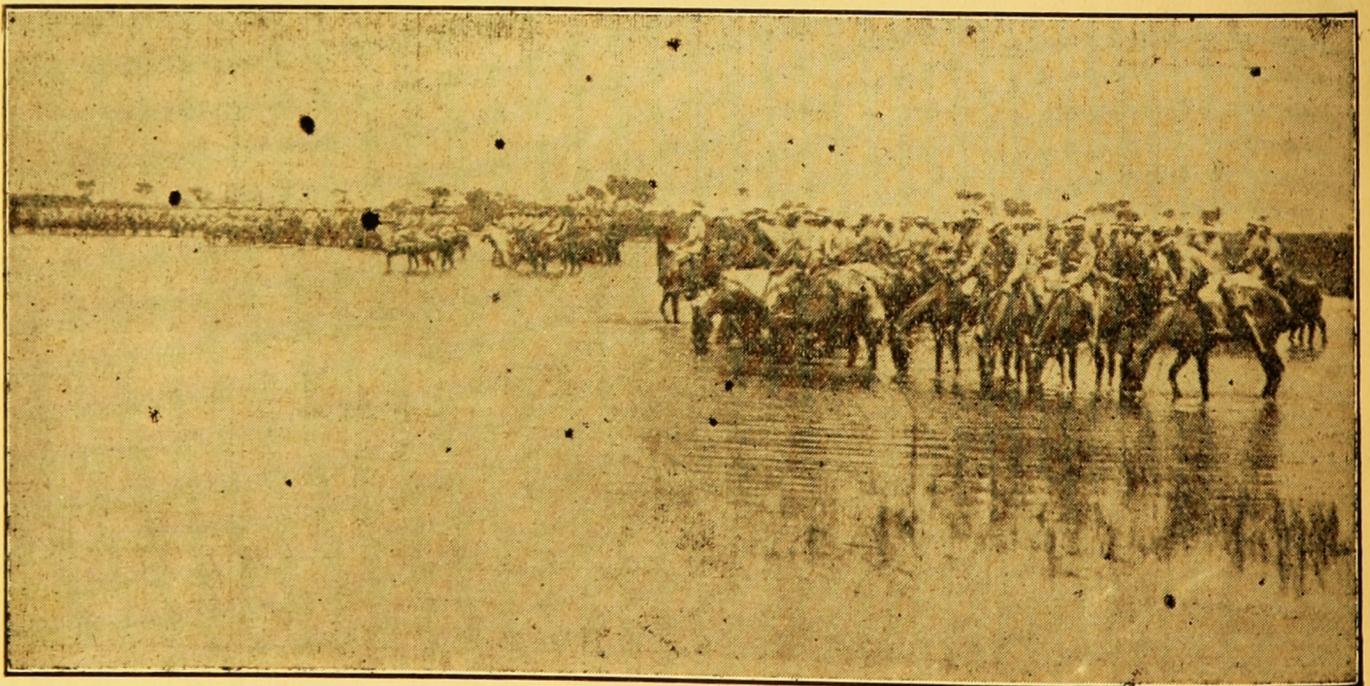
Lord Kitchner, tomando conta da pasta da guerra no ministerio inglez encontrou-se com

uma nação de marinhos e commerciantes, com alguns regimentos, mas sem um exercito.

Pouco mais ou menos a situação de Portugal.

E ao poderoso impulso dado ao recrutamento britannico se deve a poderosa offensiva de ha dias, no Somme. Inglaterra tem estado a fazer soldados, e vê-se que o trabalho não foi baldado, pelo menos já o sentiram os allemães com o seu apressado retrocesso.

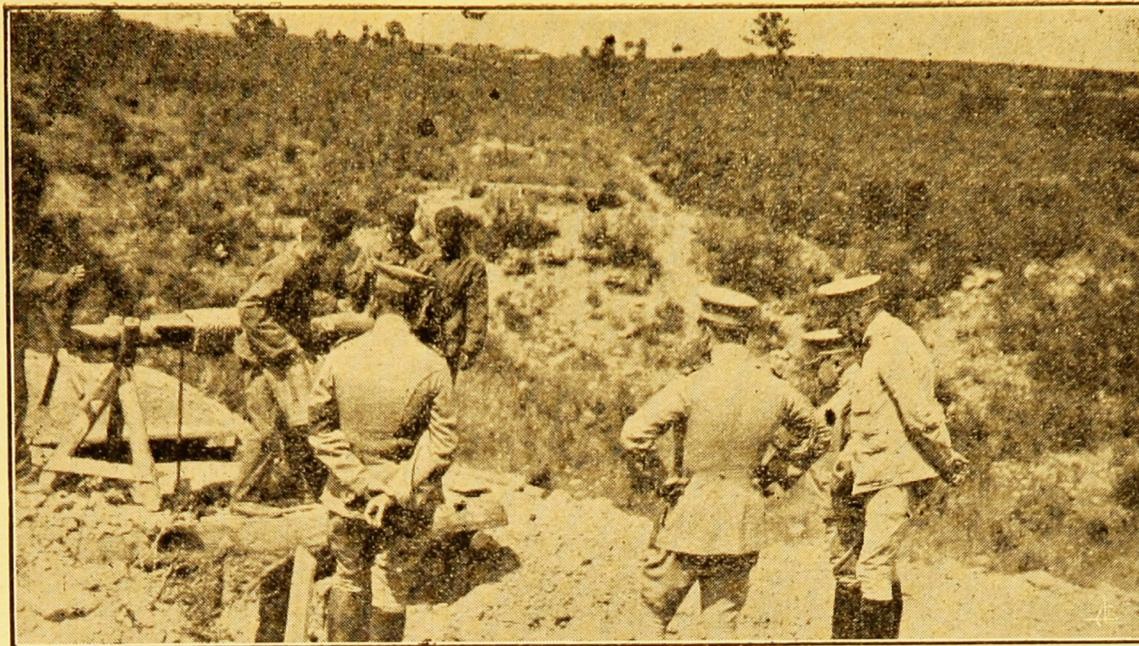
A nós tambem encontrou-nos a declaração



A cavallaria á data d'agua

de guerra dos allemães, sem a necessaria preparação militar, muito embora não nos faltassem optimos elementos. Tancos operou em breves dias o prodigio, altamente significativo, e altamente animador, da creação de um excellente exercito.

A objectiva fixou, e publicamos nestas paginas alguns interessantes aspectos da vida no acampamento, na cidade de madeira e panno que, por ser assim, foi denominada «Paulona» pelo espirito nacional. Vê se n'essas perspectivas insinuantes a vida agitada d'essa agglomeração de homens, que talham os destinos da Patria que n'elles confia.

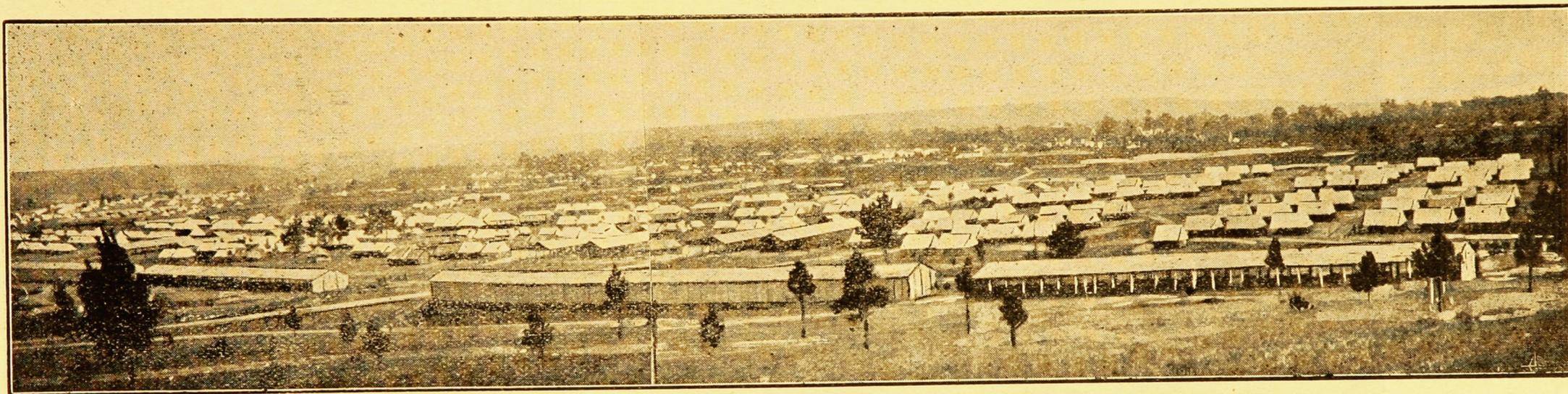


O Ministro da Guerra observando os trabalhos dos mineiros

Tancos è um aprazivel recinto, onde se respira o ar balsamizado dos pinhaes, e os exercicios porfiados, com essas saudaveis emanações, equivalem a uma verdadeira cura de ares.

A linha ferrea transporta diariamente para Tancos toneladas de viveres, porque a vida de Tancos superando a intensidade de cidade alguma, não tem industrias para o seu abastecimento.

E' assim a nova Tancos, um prodigio militar, surgido quasi instantaneamente, como ao toque de magica varinha. Que elle marque o resurgimento esplendoroso da nacionalidade portugueza!



Aspecto parcial do acampamento da 2.ª brigada, visto do alto de D. Luiz

(A publicação d'estas photographias foi auctorizada pelo snr. Ministro da Guerra).

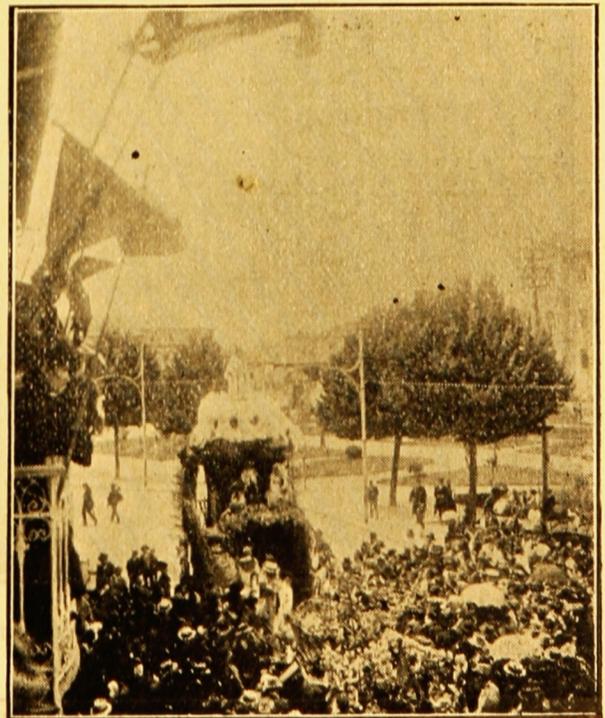
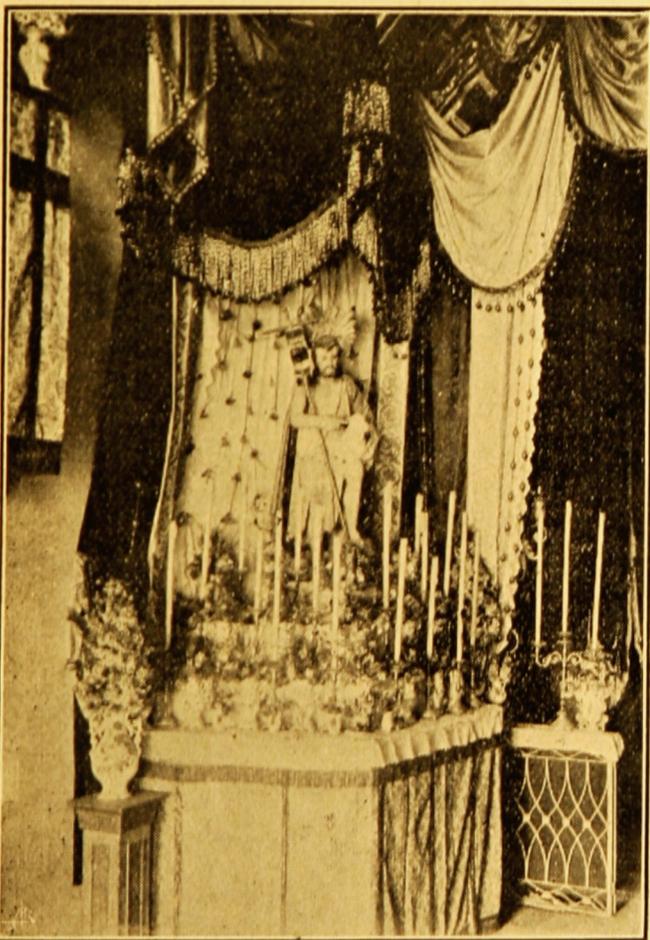
© S. João em Braga



A procissão de S. João



O tradicional Rei David



1—Cavalleiros que tomaram parte na corrida do porco.
 2—O altar de S. João Baptista na capella do Parque.
 3—Da esquerda para a direita, 1.º plano: Manuel da Silva Braga, Manuel Avelino Pinto Braga, que offereceu á commissão o porco, e foi nomeado presidente dos festejos do anno de 1917 e José Antonio d'Abreu.— 2.º plano: Domingos José de Lemos, Narciso Costa e José Antonio Monteiro Marques.
 4—Q carro do Nascimento de S. João Baptista.

O S. João em Braga

Revestiu este anno um brilho singular a festa tradicional em honra de S. João Baptista, que desde epochas immemoriaes se celebra em Braga.



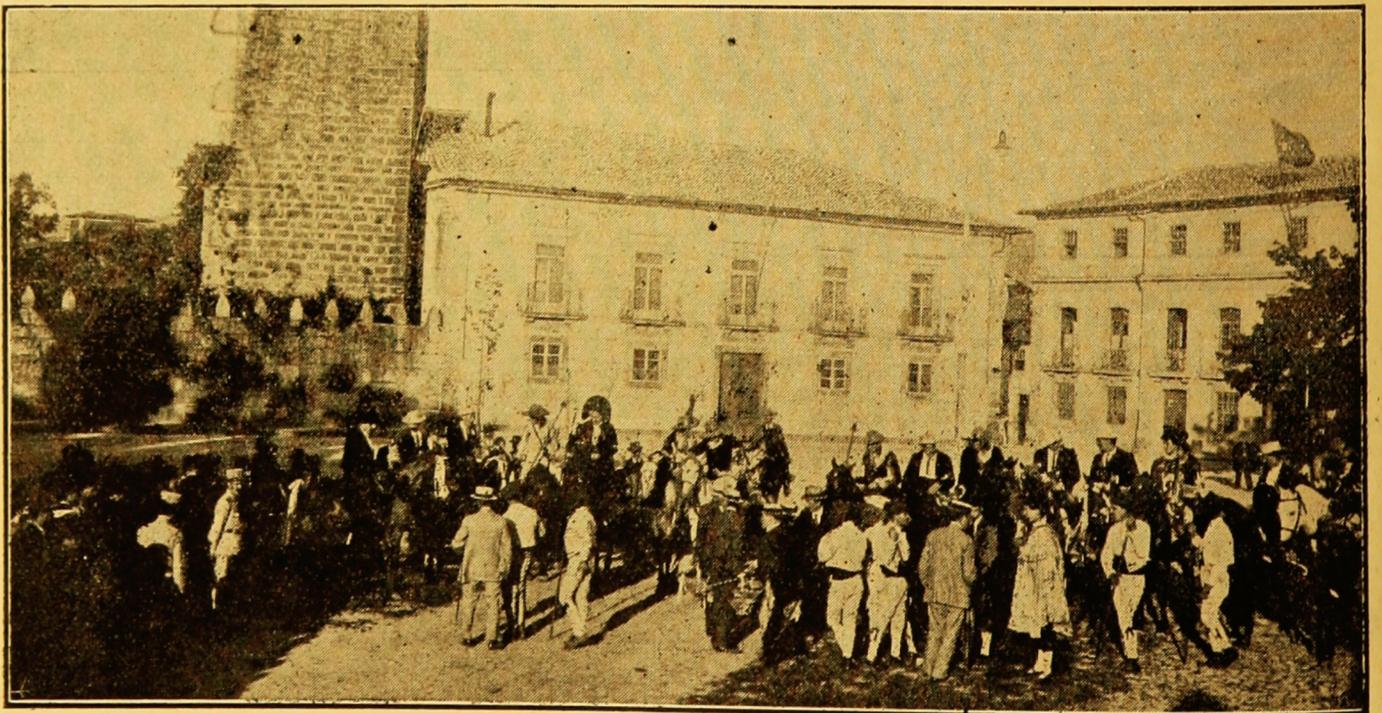
A corrida do Porco.—O cortejo dirigindo-se para o local da corrida

O numero mais attrahente foi sem duvida a procissão do Santo Percursor, presidida pelo Senhor Arcebispo Primaz, e que ha nove annos que se não realizava.

A tradicional dança do rei David e o carro dos pastores fez o encanto dos forasteiros.

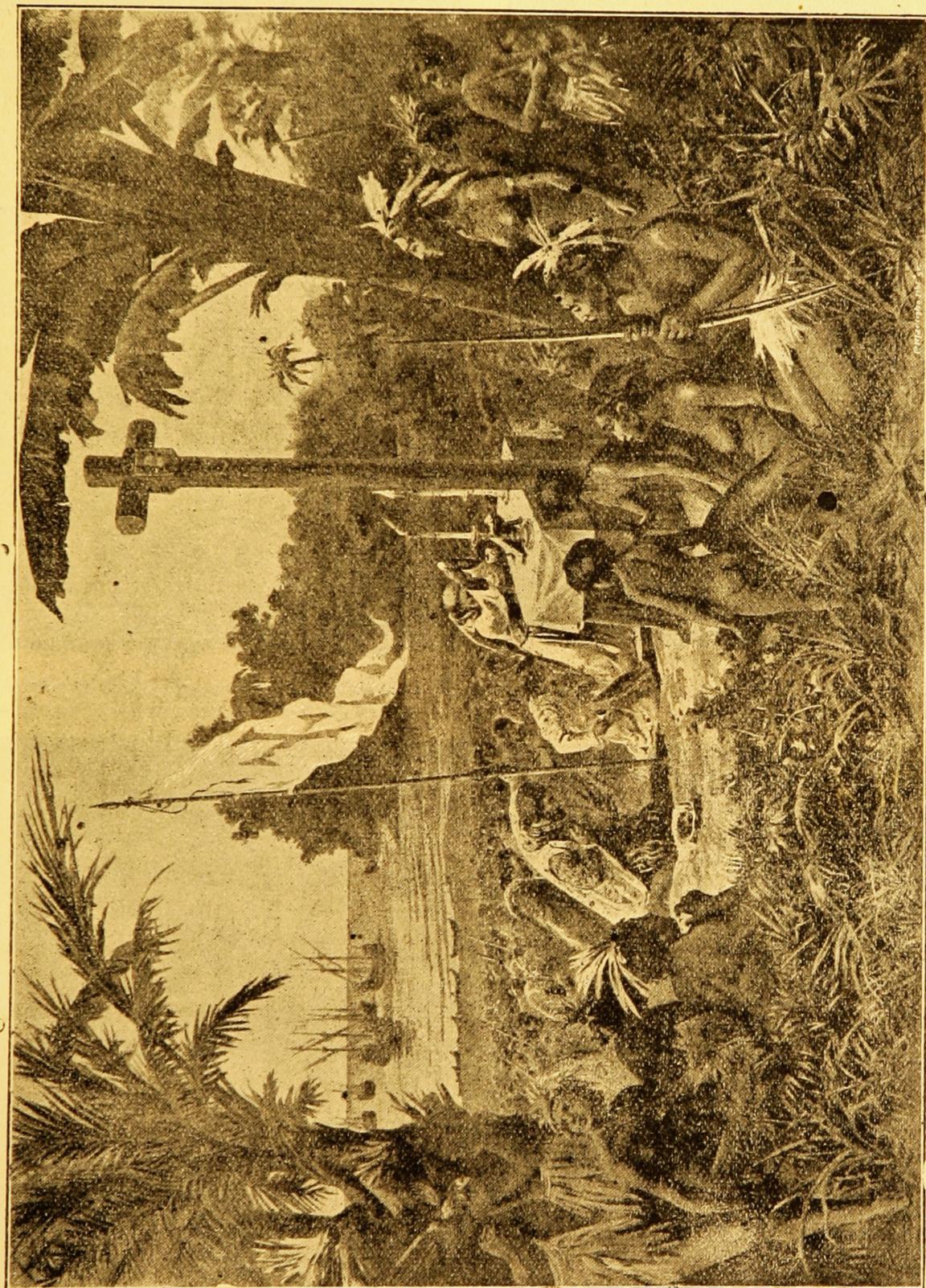
Tambem chamou muito a attenção do povo de Braga a corrida do porco, uma revivencia dos tempos medievaes.

Os festivaes em S. João da Ponte e na Avenida Central foram muito concorridos.



Os cavalleiros recebendo no Largo das Carvalheiras as sestas de fructa

(Phot. Eelleza.)



Descoberta dos Portuguezes—A primeira missa celebrada no Brazil

(Quadro de Pedro Americo)



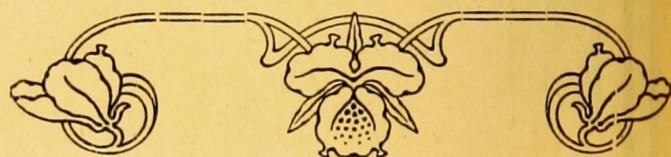
1—Braga—Os meninos Nelson Dias Pereira e Oscar Dias Pereira, filhos de D. Francisca Braga Dias Pereira e Antonio Dias Pereira, no dia da sua 1.^a comunhão.

(Cliché da Phot. Alliança,)

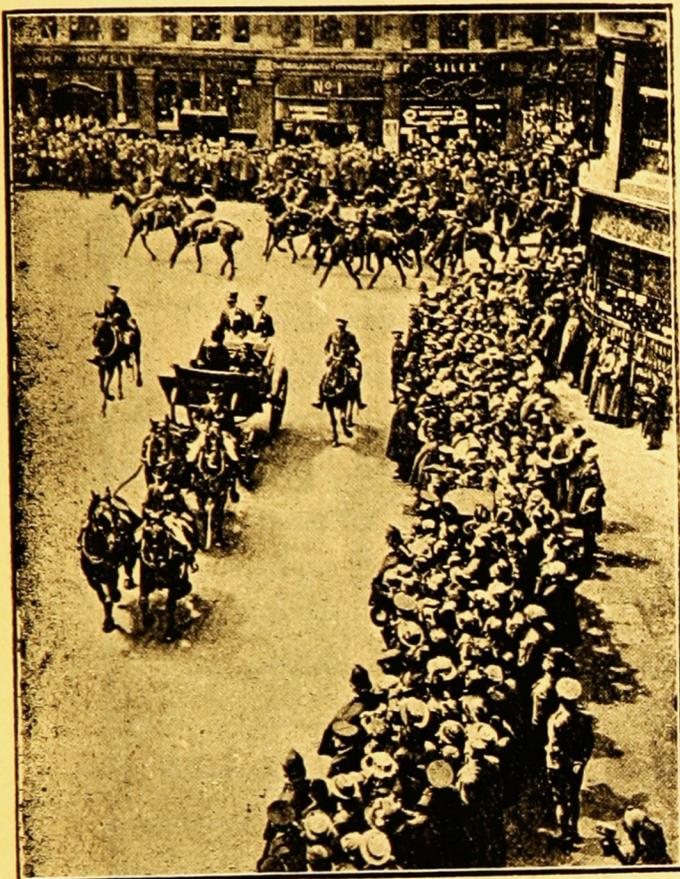
2—Grupo de sargentos milicianos do curso abril-maio de 1916 com o seu professor.

(Assentados) Adolpho Barbosa Lopes, alferes João Herminio Barbosa e Luciano Carvalho.

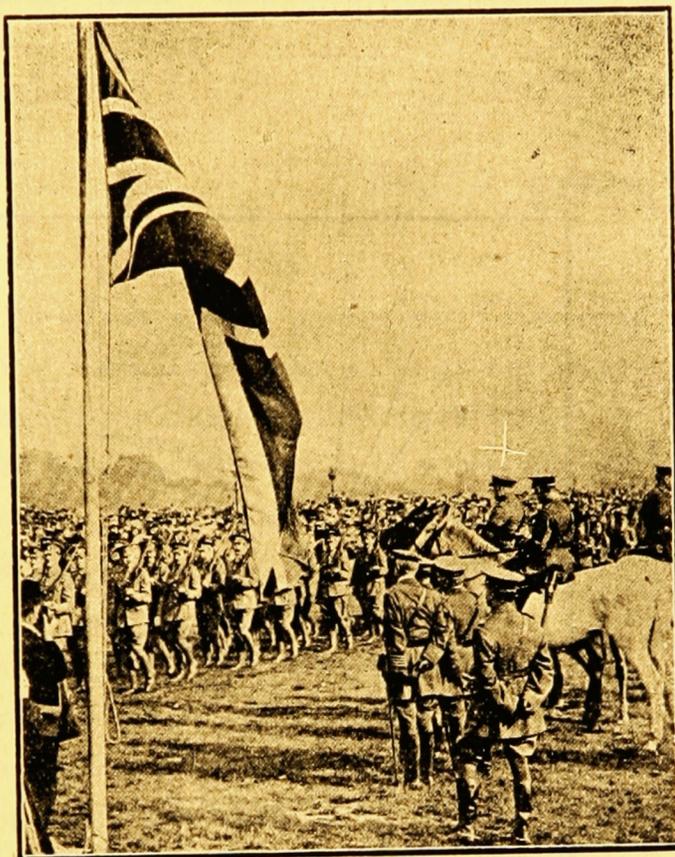
(De pé) Emygdio Rodrigues Beiral, Padre Vidal Gachineiro, Manuel Santos e Padre Alvaro da Costa.



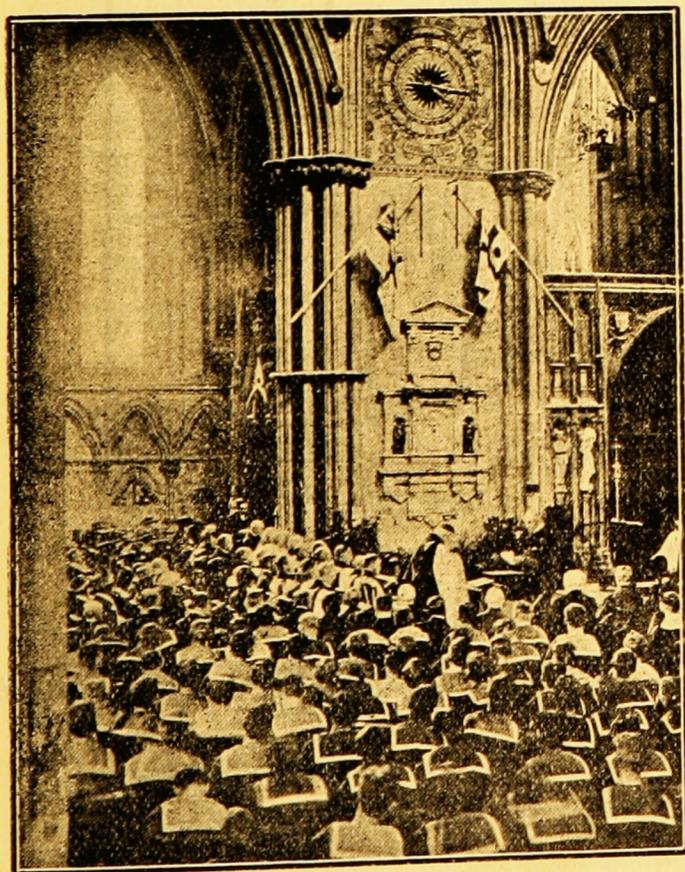
o Página da Guerra Europeia o



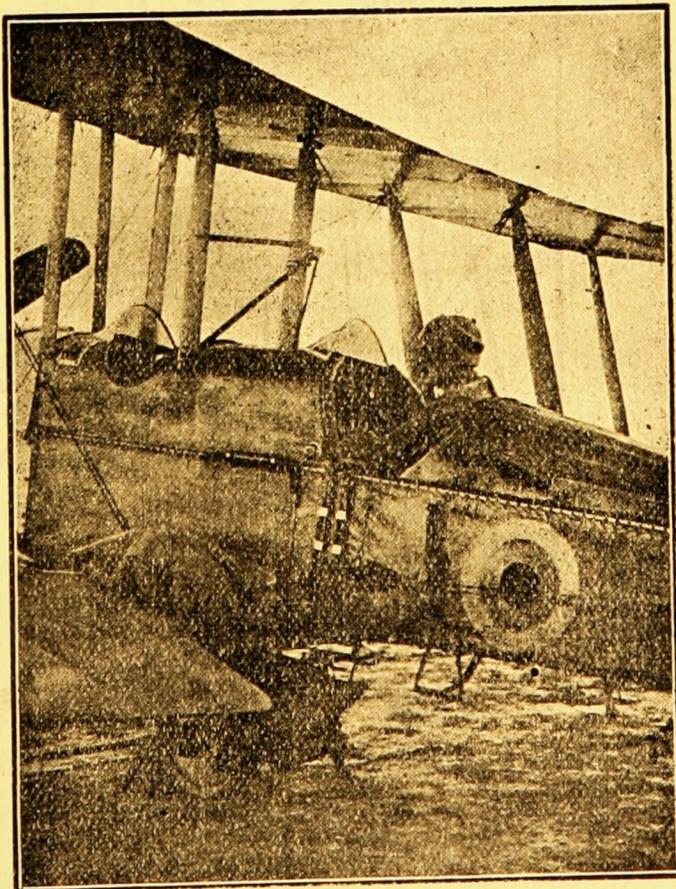
Os reis de Inglaterra dirigindo-se para a Cathedral de S. Paulo para assistirem às exequias por Lord Kitchener.



A Inglaterra arma-se.—Lord French passando revista aos novos recrutas.



Uma impressionante cerimonia no Mosteiro York. Comemoração do almirante inglez Cradok, fallecido na batalha da Jutlandia.



Os inglezes conseguem abastecer de grão, por meio de aeroplanos umas posições na Mesopotamia.

Modos de vêr



—Nunca vi familia mais *habilitosa*: o Carlos dança *admiravelmente*; a Berta joga o "tennis," como *ninguem*.

—E o Henrique?...

—Esse, *coitado*, é o unico que não tem *geito para nada*;

Serve só para *trabalhar e sustentar a familia*...

PAGINAS D'ARTE

POR MANOEL (SEMBLANO)

Fra Angelico

Os genios franzinos e alados, que se vêem nas pinturas muraes das Catacumbas, são irmãos-gemeos das Victorias Pagãs e dos Amôres de Pompeia. Só os mosaicos bysantinos de Santo Apolinario apresentam formosos adolescentes de compridas azas, trajando chlávide, em attitúdes hieráticas... São quasi os primeiros anjos e parecem guerreiros do exercito Imperial. Mas por essa mêsmã altura, no século II, já o Palacio archiepiscopal de Ravena ostenta na abóbada da sua capella quatro figuras surprehendentés, que não teem nada de humano.

As cathedraes gothicas embellezam os seus porticos de longas theorias de anjos. Nossa Senhora de Chartres, Nossa Senhora de Paris, a Santa Capella, Nossa Senhora de Amières, Santo Estevão de Bourges, a Batalha... O mais precioso sanctuario da christandade, Nossa Senhora de Reims, com os seus duzentos nichos, mereceu o nome de *Cathedral dos Anjos*.

A Renascença Italiana veste os espiritos celestes como as mundanas de Florença. A *Coroação da Virgem* de Botticelli é um deslumbramento de sêdas preciosas.

Insatisfeito, o paganismo sensual rasga os veus de *gase* ás languidas mulheres que representam os seraphins e cria um nôvo symbolo: o anjo—amôr. Raphael e Murillo, acceitando com enthusiasmo a exuberante *ronda* de Donatello, pintam grinaldas e turbilhões de creancinhas nûas em tórno das suas *Madonas* e das suas *Virgens*.

E' então que apparece Fra Angelico. No silencio e no rigôr da sua cella dominicana, longe do bulício do mundo, Giovanni da Fiesole medita. As suas orações são como as confidencias de alma para alma... Afastado do luxo de Florença vive em Sienna, Perugia e Assiz entregue á sua arte, dentro dos muros apertados d'um convento.

A inspiração vem-lhe do ceu. E n'aquella athmosphera de isolamento e de sonho ninguem lhe vae perturbar os arroubos de mysticismo e de poesia. Os seus anjos imberbes, insexuaes e brancos, mal poisam sobre a téla—tão leve é a sua tunica de pregas, tão desmaterializado o seu corpo, tão subtis e tão voejantes as suas azas de triumpho... Castamente, mansamente, quasi receando peccar, emmoldura-lhes a fronte com um largo anel d'ouro em volta do cabelle. A alguns tece um diadema de rosas. A outros uma auréola de luz.

A sua palêta é pobre, mas abunda em tintas resplandecentes. E Giovanni da Fiesole, ignorando o segredo da luz, que immortalisou Rembrandt, e não sendo colorista, é um grande poeta lyrico e um transfiguradôr de formas. O seu traço é impeccavel. A pureza de linha dos seus anjos ninguem mais a soube encontrar depois d'elle. Nem o ingénuo e delicado pintor de Bruges, Haus Memling...

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



PHILIPPE II surprehendeu, perante as obras do Escorial, um grupo de soldados em que o mais palrador desfazia na habilidade do architecto.

—Olhem vocês aquelle angulo! Então aquillo está bem?

O rei dirigiu-se ao soldado:

—É tu sabes o que é um angulo?

O soldado não se acovardou com a inesperada apparição, apenas a voz lhe tremeu levemente.

—Um angulo é... é...

—Dize e depressa.

—Angulo... é metter-se uma pessoa no que não entende.

E o bom dito foí festejado pelo rei e pela côrte.

Um angulo

Sangue frio

Gabava-se Lord Berkley, valente e de presença de espirito, de que nunca se deixaria roubar por um homem só. Ora um dia, que viajava n'um carrinho por estrada de montanha, um ladrão poz-lhe uma pistola ao peito e observou sorrindo:

—Bem vê v. s.^a como basta um só ladrão para o roubar.

Lord Berkley nem pestanejou, mas respondeu serenamente:

—Nunca tu me poderias roubar sem o auxilio d'esse, que está por detraz de ti.

O ladrão voltou-se sobresaltado pois sabia ter ido só, e então Lord Berkley matou o com um tiro de pistola.

Tudo vaidade

Disse um sabio — Que divertida e longa lista se não faria do medo dos intrepidos, da fraqueza dos fortes, da ignorancia dos sabios, dos erros dos infalliveis, das asneiras dos homens de espirito, das loucuras dos prudentes, das baixezas dos grandes e das dividas d'aquelles que não devem nada!!!

Avaliar os homens

De Montesquieu:

—Para avaliar os homens, é preciso perdoar-lhes os preconceitos do seu tempo.

A fama

Os macedonios antes de entrarem em combate sacrificavam ás Musas. Alexandre Magno explicava:

—E' para que uma honrada memoria siga as acções egregias.

A fama é o verdadeiro premio de valor.

A democracia

Vivia na velha Grecia um homem que era, em sua casa um despota, e na rua, prégava as mais amplas liberdades. Aconselhando a Lycurgo que em vez d'uma *Aristocracia* instituisse antes uma *Democracia*, o eminente legislador respondeu-lhe:

—Institue tu primeiro a Democracia em tua casa.

Respeito á velhice

Um atheniense passando por Esparta, onde os velhos eram tratados com respeito, disse:

—O envelhecer é bom em Esparta!

Pythagoras

Nas portas da sua Academia escreveu Pythagoras:

—Aquelle que não sabe o que deve saber é bruto entre os homens, aquelle que não sabe mais do que deve saber é homem entre os brutos, aquelle que sabe tudo que se pôde saber é Deus entre os homens.

Quem é ditoso?

—Quem é ditoso?

O sabio grego, Thales, respondeu:

—E' ditoso quem tem taes s, s, s, que querem dizer: santo, são e sabio.

Cicero julga Demosthenes

Foi Demosthenes o maior orador da Grecia, mas tão amigo de louvores que se passava a guma moça do povo e o elogiava logo elle a seguia, escutando-a attentamente. D'elle disse Cicero:

—Não nego que Demosthenes foi um insigne orador, porém só persuadia os outros e não se persuadia a si.

Obras religiosas

de José Agostinho

O Jardim da alma—encad. 300 reis.

Historia Sagrada do antigo e novo testamento—encad. 200 reis.

A vida de S. Francisco de Sales—br. 200 reis.

A vida de Santa Thereza—br. 200 reis.

O Evangelho—Encad. 400 reis.

Mez de Junho—br. 100 reis.

Flores Religiosas—Mez de janeiro 100 reis.

A Religião e a arte—100 reis.

Deus provado pela sciencia—100 reis.

A Escola Sem Deus—50 reis.

A Fé Religiosa e o Povo 50 reis.

Todos estes livros estão approvados pelo Sar. D. Antonio, Bispo do Porto.

Livraria Figueirinhas

75—Rua das Oliveiras—PORTO. (1896)

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos. Harmonius, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se n'esta casa. Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira).

Officio de Nossa Senhora EM PORTUGUEZ

Com as novas modificações introduzidas pelo Bulla «Divino Afflatu».

Com as novas modificações introduzidas pela Bulla «Divino Afflatu».

Preços: brochado, 80 réis: encadernado em percallina, 150 e 170; Pelo correio mais 10 réis.

A' venda na administração do Boletim Mensal— Braga

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encommendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Fereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Hotel e restaurante

Garrido

VIZELLA

Este afamado hotel está situado no centro da povoação e muito perto do estabelecimento dos banhos.

Bom e limpo serviço de mesa, quartos arejados e luxuosos. Seriedade em todos os seus contractos. (80)

Dirigir ao proprietario

José Garrido Vasques

PARAMENTOS

✕ OS MAIS BEM MONTADOS ATELIERS ✕
Officina de Esculptura Religiosa em madeira, pintura, dourado e encaiação

IMAGENS

A casa
mais
comple-
ta no
seu
genero
em
Portu-
gal.



Modelo
das
suas
conge-
neres.
Faça-se
um con-
fronto.

ALFAIAS

XX O PRIMEIRO CATALOGO ILLUSTRADO XX
ENDEREÇO TELEGRAPHICO — Fabriculto — Porto.

MOBILIARIO